

uma semana antes, tomavam posição a respeito<sup>(371)</sup>. Os jornais paulistas acusados haviam respondido em violentos editoriais, a *Folha de São Paulo* afirmava serem caluniosas as acusações “sobre a existência de capital estrangeiro na imprensa”; acrescentava: “Mais uma vez somos obrigados, por isso, a declarar que a *Folha de São Paulo* não possui nem sombra de capital estrangeiro e que esta desvinculação existe não apenas quanto a grupos estrangeiros, mas também quanto a quaisquer outros, nacionais, de natureza política ou econômica”; terminava, depois de afirmar que tudo se devia à concorrência dos que “perdem circulação a ponto de tentarem, para reconquistá-la, verdadeiros *dumpings* contra outras empresas”: “Nossa moeda é o trabalho. Outros, pelo que se vê, preferem a do ódio ou do ócio”. A *Última Hora*, por sua vez, contestara o *Estado de São Paulo* da maneira seguinte: “Está ficando gagá o venerando órgão da imprensa paulista. Já não sabe mais o que fazer, ao verificar que ele, que antes liderava os jornais paulistas, quanto à circulação, prestígio e defesa das boas causas, não passa agora de um órgão que tenta aumentar sua circulação aviltando o próprio preço e tentando até, por vezes alijar, pela força econômica que ainda possui (esta é uma outra história), concorrentes que honestamente lhe disputam o mercado, que vem dia a dia naufragando”. *Notícias Populares*, de sua parte, depois de afirmar que, em sua empresa, “não existe um tostãozinho sequer de capital estrangeiro, seja de Rockefeller, seja lá de quem for”, concluía: “A verdade é que o *Estadão* vai perdendo as estribeiras à medida que perde circulação e verifica que quase ninguém mais lhe

(371) “Os jornais de 15 de outubro do ano passado publicaram comunicado de Brasília, segundo o qual ‘a constituição de uma CPI para apurar as ligações entre *O Globo* e *Time-Life* movimentou os corredores e o plenário da Câmara Federal, com a denúncia do deputado Eurico de Oliveira sobre a existência de grupos de pressão que não querem a apuração dos fatos’. Dizia ainda o comunicado que ‘o parlamentar pediu providências da Mesa da Câmara contra as dificuldades que estão sendo criadas à sua ação no sentido de cumprir o seu dever, pedindo a formação imediata de uma CPI para apurar os fatos relacionados com *O Globo* e *Time-Life*, conforme denúncias feitas pelas autoridades da Guanabara’ (. . .) Confessava, então, o sr. Eurico de Oliveira: — ‘A pressão é tão grande que alguns deputados que assinaram o documento me procuraram para retirar suas assinaturas. (. . .) O noticiário de imprensa — dias depois, 20 de outubro do ano passado — informava que ‘com a assinatura de 143 parlamentares, foi formalizada a constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, para o fim de investigar a transação e apurar os fatos relacionados com *O Globo* e *Time-Life*’. (. . .) Parecia que tudo seria, enfim, esclarecido. Mas, desgraçadamente, nada aconteceu. Nenhum outro registro houve na imprensa. As agências noticiosas silenciaram sobre a CPI do deputado Eurico de Oliveira. Voltara a acontecer, exatamente, o que acontecera antes, em fins de 1963, com a CPI proposta pelo então deputado João Dória sobre revistas estrangeiras editadas em português no Brasil”. (*Brasil Semanal*, S. Paulo, 2ª semana de fevereiro de 1966). Note-se que a CPI requerida pelo deputado João Dória, em época anterior ao golpe militar e implantação da ditadura no Brasil, acarretou, para as figuras principais nela envolvidas, a cassação de seus mandatos. O imperialismo não esquece e não perdoa.